



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

HELOANE FRANCELLI MELO BARROS

Orientadora: Profa Dra Shirleide Pereira da Silva Cruz

**Desafios e descobertas do início da docência em escolas particulares do
Distrito Federal**

BRASÍLIA, DF
2023

Resumo

Este trabalho tem como problema de pesquisa as dificuldades enfrentadas e as descobertas pertinentes ao início da docência, por professores que atuam em escolas particulares nos anos iniciais do Distrito Federal e possuem até cinco anos de regência, período apontado por Tardif(2002, p.51) para a consolidação da carreira. Realizamos um estudo bibliográfico sobre o início da carreira, suas problemáticas e inquietações, e através de um questionário articulado entre questões abertas, fechadas e dependentes identificamos o perfil dos sujeitos da pesquisa, por fim, a partir de uma análise de conteúdo e questionários realizados, identificamos os principais desafios, dificuldades, descobertas e conquistas enfrentadas por estes professores e professoras. Conseguimos identificar que os principais desafios e dificuldades apontados por eles são: avaliar o processo de aprendizagem; estabelecer comunicação com os pais dos alunos; identificar as necessidades educacionais dos alunos; lidar com as diferenças individuais dos alunos; e estabelecer relação teoria-prática. Já entre as descobertas apontadas por estes professores estão a relação professor-aluno; autonomia; carinho dos alunos; o prazer em ensinar e em lidar com o conhecimento; possibilidade da criatividade pedagógica; e realização pessoal. Entre os aspectos negativos da profissão estão o desgaste emocional e a baixa remuneração, e os aspectos positivos são a carga horária e a oferta do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Início da docência; professores da iniciativa privada; vantagens e desvantagens;

Abstract

This work has as a research problem the difficulties encountered and the discoveries important to the beginning of teaching profession, by teachers who work in private schools in the early years of the Federal District and until to five years of regency, period mentioned out by Tardif(2002, p.51) for career consolidation. We carried out a bibliographical study on the beginning of the career, the problems and concerns, and through a questionnaire organized between questions open, closed and dependent, we identified the profile of the research subjects, lastly, as of a content analysis and questionnaires carried out, we identified the main challenges, difficulties, discoveries and conquests encountered by these professors. We managed to identify that the main challenges and difficulties pointed out by them are: assess the learning process; establish communication with the students' parents; identify students' educational needs; dealing with students' individual differences; and establish a theory-practice connection. Among the findings pointed out by these teachers are the teacher-student relationship; autonomy; students' affection; pleasure in teaching and dealing with knowledge; possibility of pedagogical creativity; and personal fulfillment. Among the negative aspects of the profession are emotional exhaustion and low pay, and the positive aspects are the workload and the supply of the labor market.

Key words: Beginner teacher; private school teacher; advantages and disadvantages;

Memorial

Chamo-me Heloane Francelli Melo Barros, tenho atualmente vinte e três anos. Sou filha de Cleide Maria e Antônio Marcos, e sou irmã mais velha de Heric Marcos e irmã mais nova de Heloize Cristine. Moro com meus pais e meu irmão mais novo. Nasci, cresci e sempre morei em Planaltina DF. Estudante de escola pública e agora Universidade pública também.

Toda a minha trajetória escolar foi quase que completamente na rede pública, exceto as primeiras séries do jardim de infância, que frequentei em uma pequena “escolinha”¹ próxima a minha casa. Nesta “escola” tive o primeiro contato com a educação, professores, colegas e afins. São poucos os momentos de recordações que tenho desta época, me recordo basicamente dos momentos ruins. Digo isso, pois a cobrança das professoras sobre as crianças era muito intensa. O lúdico sempre foi deixado de lado e toda a aprendizagem era feita através de cópias repetitivas no caderno para serem memorizadas. Lembro-me que tínhamos um caderno de Matemática, e nele escrevíamos duzentos números por dia, o que me gerou calos nos dedos, gastrite nervosa e traumas, pois o dia que não alcançava a meta recebia duras broncas. Devo ressaltar aqui que a idade das crianças, tratadas como alunos nessa turma, era de 4 e 5 anos. A aprendizagem não deve ser algo doloroso e sinto muito o reflexo disso até hoje em minha vida acadêmica, estar sob pressão me gera ansiedade, medo e bloqueio.

Após essa passagem tenebrosa pela “escolinha”, meus pais me matricularam na rede pública. Foi, de verdade, um alívio. Na primeira série do Ensino Fundamental meu desempenho se destacava em relação ao restante da turma, então a professora, minha família e a direção, decidiram me passar para a segunda série no meio do ano. Na época eu, claro, achei o máximo, mas logo depois senti que esse avanço me prejudicou, pois acabei perdendo conteúdos tanto da primeira série, quanto da segunda. Passei a sentir muita dificuldade em Matemática, e esse *déficit* só se sanou anos depois.

¹ Aqui escreverei “escolinha” e “escola” coadunando com a representação oral que acompanhou a minha relação com a primeira etapa da educação básica enquanto criança ali matriculada. Todavia, como estudante da Pedagogia e possível futura professora de Educação Infantil, considero que há uma especificidade distinta das práticas e experiências/vivências, que faz com que a nomenclatura escola não seja adequada na demonstração dessa distinção.

Segui minha caminhada escolar com estas dificuldades, mas nunca foi algo que me trouxesse grandes problemas. Sempre muito dedicada e esforçada, enchendo a mamãe de orgulho.

Os anos e as séries se passaram. Fora da escola, na igreja Católica da minha comunidade, fiz a catequese e a crisma. Em seguida, comecei voluntariamente a “dar aula” de catequese para crianças pequenas. Foi aí que começou a despertar em mim algo mais íntimo com a educação e com crianças. Nunca tive na família crianças menores que eu, pois eu já sou uma das últimas primas/netas, então ter contato, mesmo que semanalmente, com aquelas crianças me fez bem.

Chegou o momento tão desafiador do fim do Ensino Médio, que era de escolher qual curso seguir, e meu desejo já estava formado, eu queria ser pedagoga. E agora aqui estou eu, fazendo o último trabalho da minha graduação.

Estudei, passei no vestibular da Universidade de Brasília, e para ter realmente a certeza de que realmente eu queria essa profissão, fui em busca de fazer estágios não obrigatórios. No segundo semestre iniciei um estágio em uma escola particular do Plano Piloto. Meu primeiro contato com a educação realmente formalizada. Ali eu estava no papel de educadora, e foi incrível. Permaneci com minhas escolhas. Nesta primeira escola que fiz este estágio, permaneci dois anos e o contrato foi encerrado pois este era o prazo máximo. No ano seguinte, segui em busca de um novo estágio, novamente em escolas particulares do DF. Passei em vários processos seletivos e tive o privilégio de poder escolher a escola que iria trabalhar. Infelizmente, sabemos que a realidade do estagiário de pedagogia é uma grande demanda de trabalho e o valor da bolsa baixíssimo. Para a escolha da vaga, levei então em consideração a maior oferta da bolsa. Com o valor da bolsa um pouco maior em relação às outras escolas, vieram também mais atribuições e cobranças, o que me deixou assustada, pois era algo que fugia da minha antiga realidade.

Esta nova escola pouco se diferenciava da outra em relação ao cotidiano vivido por mim, auxiliando alunos e professoras. Eu podia ter noção de como era exaustivo a alta demanda de trabalho, a relação com a direção, coordenação e até mesmo com as famílias dos alunos, que por se tratar de uma escola de alto padrão. Todas essas relações, eu observei como estagiária.

Dediquei meus últimos anos à Faculdade, estágios não obrigatórios e obrigatórios. Sempre estive em salas de aula com as mais diversas idades e séries, desde o berçário ao 4º ano do Ensino Fundamental. Pude ao longo desses anos

acompanhar de perto professoras incríveis, que conseguiam lidar com toda a pressão e demanda e ainda assim, apresentar um trabalho encantador.

Iniciei a jornada da escrita do tão temido TCC. Ainda sem conseguir me encontrar, relembrei de todas as disciplinas que tive durante a graduação e por quais senti mais afinidades. E foram muitas... Fiquei algum tempo refletindo sobre qual tema gostaria de me aprofundar, e escolhi algo que tivesse uma relação com meu então estágio, pois pesquisaria algo que vivia na prática. Encontrei a orientadora e o tema que me aprofundaria, chegou a pandemia e colocou um peso em tudo o que estava vivendo. O medo e a incerteza de um futuro próximo me fizeram descobrir algo que só via acontecer perto de mim: transtorno de ansiedade.

Escrever este trabalho no início de 2020 se tornou a tarefa mais temida da minha vida. Tudo girava em torno disso e tomou proporções gigantescas. E o resultado: não conseguia realizar a pesquisa e me cobrava arduamente por isso. Procurei ajuda psicológica, mas tempo depois, não foi possível continuar. Pude perceber ao longo dos meses, que continuar na área escolhida não me fazia bem.

Antes de tentar me encaixar em uma nova área, percebi que primeiro deveria cuidar da minha saúde mental, por estes e muitos outros acontecimentos. Encontrei anjos que puderam me salvar nesta caminhada. Aliada à minha psicóloga e psiquiatra, hoje, investigamos um possível tdah, e fazemos tratamento para diminuir os efeitos.

No ano de 2022, fui carinhosamente acolhida pela professora Dr^a Shirleide. Pesquisar a realidade de professores iniciantes da iniciativa privada, me causa uma inquietude, pois, após tantos anos fazendo estágios em escolas particulares, vejo este caminho sendo o mais viável para mim neste momento. Ser professora regente em uma escola particular. Infelizmente, há poucos estudos sobre este perfil.

A maior parte da minha rede de amizades é constituída de professores ou alunos de graduação, e sempre tive comentários sobre outras escolas particulares. As críticas são sempre semelhantes: demanda excessiva de trabalho, inclusive em horários fora da escola, alta pressão decorrente da direção, coordenação, orientação educacional e das famílias dos alunos além de um baixo salário.

Todas essas dificuldades, são conhecidas dos discentes desde o início da graduação, e pude, ao longo destes últimos anos e experiências, analisar bem de perto todos estes obstáculos que dificultam a vida do professor, ainda mais, daqueles que são iniciantes na profissão, assim como serei logo após finalizar este

curso. Então, me encantei por pesquisar sobre essas dificuldades e perceber, para além de leituras, como é todo este universo que os professores recém formados estão inseridos.

Neste espaço, aproveito para reconhecer todo o processo que vivi até aqui. A vida do estudante de Universidade Federal, que vem da periferia e carece de estudar e trabalhar é bastante dolorosa. Muitas lutas que pareciam não ter fim. Mas vencemos até aqui, “vencemos”, pois não estive sozinha nesta batalha e tenho o prazer de poder agradecer aos que foram sem dúvidas apoio para que eu não caísse. À minha mãe, meu pai e familiares, que me fizeram forte e sempre deram todo o suporte que precisei. À professora, minha orientadora, Shirleide, que pude conhecer durante a caminhada e com quem tive trocas incríveis. À minha amiga Giovana, que esteve comigo durante toda a graduação com vivi inúmeros desafios. À Eloise, com quem tive tantas trocas e auxílio fundamental para realização deste trabalho e por fim, à Universidade de Brasília, onde tive a oportunidade de vivenciar experiências únicas que tornaram meu olhar a educação perspicaz e meu futuro fazer docente um ato de respeito.

Introdução

O início da carreira docente é, certamente, uma fase marcada por muitas dificuldades e incertezas. Desafios e adversidades são encontrados quando finalmente o professor assume sua primeira sala de aula. É uma fase bastante delicada, pois determina o futuro e a relação que este professor terá com o trabalho. (TARDIF, 2002) O início da docência é definido por Tardif (2002, p.51) pelos cinco primeiros anos de atuação em sala de aula. Sendo adotado nesta pesquisa, este recorte para definir o perfil do docente estudado.

Quando o professor inicia finalmente seu trabalho, tudo que foi idealizado e pensado transforma-se em uma realidade que muitas vezes é repleta de dificuldades, gerando sentimentos de insegurança e até de impotência (GARIGLIO, 2020).

Toda essa responsabilidade gera desconforto, embaraçando sensações que causam medo, mas também prazer e alegria. Essa fase é caracterizada pela passagem da posição de estudante para a de professor, e, conforme Marcelo (1999,

p. 113) “os primeiros anos de ensino são especialmente importantes porque os professores devem fazer a transição de estudantes para professores e, por isso, surgem dúvidas, tensões [...]” (Marcelo, 1999, p. 113). É hora de colocar, ou pelo menos, tentar colocar em prática todos os seus ideais e concepções, e criar neste espaço um lugar que irá afirmar sua identidade docente. Investir na formação de professores, de forma inicial e contínua demonstra resultados diretos no processo de aprendizagem de alunos, bem como, da comunidade escolar.

Entender toda a relevância que a formação do docente tem para a melhoria da educação é imprescindível. Quando a escola vai contra a importância deste profissional e mascara as condições de trabalho, podemos perceber diretamente que o resultado destas movimentações são escolas precárias e pouco reconhecimento social de professores. (GARIGLIO, 2020)

Algumas problemáticas deste início da docência são apontados por Vaillant e Marcelo García (2012, p.123), e inclusive algumas delas são aspectos que se estendem também a professores mais experientes:

Muitos dos problemas que os docentes principiantes apresentam nas pesquisas têm a ver com assuntos que outros docentes com maior experiência enfrentam, tais como a gestão da disciplina na sala de aula, a motivação dos estudantes, a organização do trabalho em sala, a insuficiência de material, os problemas pessoais dos estudantes ou a relação com os pais. Mesmo que os nós górdios sejam os mesmos nas diversas etapas da carreira docente, os professores principiantes experimentam os problemas com maiores doses de incerteza e estresse, devido ao fato de que eles têm menores referências e mecanismos para enfrentar essas situações.

Este é um período muito importante e delicado, pois são nestes primeiros anos que o profissional constrói sua identidade a partir do que ele consegue associar entre sua recente formação e a realidade que agora está sob sua responsabilidade. A bagagem que este professor detém ao iniciar sua prática, geralmente é composta por aulas teóricas, estágios obrigatórios e, caso tenha sido uma escolha, estágios não obrigatórios. Sendo este último, alvo de indagações como pontua Agostinho (2021, p. 47):

vale-se a indagação de como ocorre essa contextualização entre os fundamentos da Pedagogia e o seu trabalho propriamente dito no campo do estágio, se é realmente uma contextualização participativa ou se os estudantes apenas notam a prática de acordo com

observações e dedicam seu trabalho manual a demandas que não compõem a esfera pedagógica docente.

O momento é caracterizado pela passagem de estudante a professor, a qual teve início nas atividades de estágio e prática de ensino como caracteriza Gabard e Hobold (2011, p.86). A grande dificuldade encontrada, é pela diferença que se dá entre a teoria vivenciada na graduação durante anos, e a prática encontrada na sala de aula. Tal dificuldade é problematizada. Tardif (2002), pois nas disciplinas, os alunos passam semestres, anos apenas assistindo aulas de conhecimentos proposicionais, e em seguida estes alunos vão para campo aplicarem seus conhecimentos teóricos. Após se formarem, percebem na prática que esses conhecimentos adquiridos na graduação, na maioria das vezes, não se aplicam na rotina cotidiana.

Este momento é definido por Tardif (2002, p.87) como “choque com a realidade”, considerando a diferença vivenciada entre a teoria e a prática. E ainda, segundo Huberman (1998) apud Garcia (1998):

A primeira etapa identificada por Huberman é a entrada na carreira, que inclui as fases de sobrevivência e de descobrimento. A sobrevivência traduz-se no “choque com a realidade”: a preocupação consigo mesmo, as diferenças entre os ideais e a realidade. O descobrimento traduz o entusiasmo do começo, a experimentação, o orgulho de ter a própria classe, os alunos, de fazer parte de um corpo profissional. A experiência de entrada, segundo Huberman, pode ser vivida, segundo os professores, como fácil ou difícil. Os que informam que é uma etapa fácil mantêm relações positivas com os estudantes, considerável senso de domínio do ensino e mantêm o entusiasmo inicial. Os professores que informam que é uma situação negativa associam-na a uma carga docente excessiva, à ansiedade, a dificuldades com os estudantes, a grande investimento de tempo, ao sentimento de isolamento etc. Isso é algo que constatamos em nosso estudo sobre o processo de socialização de professores principiantes (Garcia, 1991 apud Garcia 1998, p.65).

Outra dificuldade encontrada no início da docência, são as condições de trabalho. A pesquisadora Salomão (2014), em seus estudos sobre as dificuldades da prática docente, evidencia como essas condições dificultam o exercício da profissão e expõe narrativas de professoras que afirmam o problema, expondo problemas vistos em sua prática, como “competitividade, execução do projeto como falta de planejamento da rotina escolar [...]”, além de argumentar sobre as políticas educacionais demasiadamente intervencionistas.

Em Marx apud Oliveira (2010, p.1), o conceito de condições de trabalho

[...] está intimamente vinculado às condições de vida dos trabalhadores. Suas análises sobre as leis inglesas do século XIX demonstram que a melhoria nas condições de trabalho (delimitação de jornada e aumento salarial) está relacionada à melhoria de vida dos operários, enfatizando que assegurar melhores condições de trabalho é uma luta contínua.

Na perspectiva de totalidade, as condições de trabalho unem-se às condições de vida do trabalhador. No caso dos professores, os movimentos de luta por melhores condições são constantes devido a desvalorização e até uma desprofissionalização frente às políticas públicas, que muitas vezes não atendem à realidade material especificada pelo trabalho docente. Os professores, principalmente os da Educação Básica, enfrentam todos os dias os desafios, já naturalizados como o número excessivo de estudantes por turma, inclusão precária de estudantes especiais, baixos salários e jornada exaustiva. Todas essas dificuldades estão presentes no dia-a-dia tanto de professores experientes quanto de iniciantes, que podem encontrar mais dificuldades para lidar com cada situação a ser enfrentada.

Diante desse cenário geral do início da docência e as condições concretas de trabalho nessa fase tão peculiar, este estudo tem como foco situar essa condição de modo particular com professoras e professores da rede privada de ensino. Isso porque a maioria das pesquisas disponíveis hoje, acerca do início da docência, tem tido como contexto, na maioria dos casos, o cotidiano de docentes de redes públicas de ensino.

De acordo com o Censo da Educação (2021), a rede privada tem uma participação de 53,9% do total de matrículas na educação infantil no Distrito Federal, e 26,6% do total de matrículas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. No estudo do censo, não há informações acerca da quantidade de professores na rede privada no Brasil ou no Distrito Federal, há apenas a dimensão total de docentes no país: “Em 2021, foram contabilizados 2,2 milhões de professores e 162.796 diretores atuando nas 178,4 mil escolas de educação básica no Brasil.”(2021, p. 33). Os Censos Escolares de anos anteriores também não revelam a informação.

Hirata, Oliveira e Merebe, (2019, p. 182) em seu estudo “Professores: quem são, onde trabalham, quanto ganham”, divulgam que na rede privada de ensino, em 2017, o número de professores particulares na educação infantil, no Brasil, era de 169 mil docentes. Já nos anos iniciais do Ensino Fundamental 178 mil docentes.

Encontram-se pouquíssimos estudos e pesquisas referentes ao docente que atua na iniciativa privada, ainda menos, sobre o início da docência nesta rede de ensino. Muitas vezes, o caminho mais fácil para o recente formado, são escolas particulares, visto que para entrar na rede pública de ensino há processo seletivo simplificado ou por meio de concurso público, este último que não acontece rotineiramente. E infelizmente, este sujeito é pouco visto em estudos.

Portanto, o objetivo geral da presente pesquisa é compreender os principais desafios e possibilidades dos professores iniciantes na rede de ensino privada no DF. Como objetivos específicos tivemos os de identificar o perfil do professor iniciante e sua formação inicial; caracterizar a realidade vivenciada na rede privada de ensino visando compreender os principais desafios do trabalho docente nesse espaço.

Para a elaboração deste trabalho é adotada a pesquisa do tipo exploratória que, segundo Gil, “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”(GIL, 2008, p.27). Por se tratar de uma pesquisa que tem por objetivo apresentar e analisar os desafios e descobertas do início da docência na iniciativa privada obtendo até o momento poucas pesquisas, aproximasse deste método pois “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 2008, p.27)

Percurso Metodológico

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, como instrumento de coleta de dados optou-se pelo questionário, que segundo Severino (2013, p.109) é um “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.” As questões utilizadas

abrangeram os três tipos possíveis de questões: abertas, que de acordo com Gil, (2008, p.122) “solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias resposta”, questões fechadas onde “pede-se aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista” (GIL, 2008, p.123) e também questões dependentes, quando a resposta só faz sentido quando ligada a uma outra resposta anterior. (GIL, 2008, p.123)

Este questionário tinha como estrutura 19 questões abertas, 28 questões fechadas e 2 questões dependentes, totalizando 49 questões respondidas por 20 professores no período de à 22/11/2022 a 22/01/2023. Este instrumento foi disponibilizado pela plataforma digital *Google Forms*, de forma online. O público alvo para captar respostas tinha o perfil de docentes iniciantes na profissão tendo até cinco anos de regência em escolas particulares. Pudemos explorar os motivos pela escolha da profissão, desejos profissionais, a forma com que estes profissionais foram inseridos e recebidos no início da docência, como estes professores buscaram ajuda no espaço escolar, descobertas e satisfações da docência.

Perfil dos participantes

A pesquisa contou com 20 participantes, destes, 85% eram mulheres e 15% homens. A maior parte (50%) dos professores têm idade entre 20 a 25 anos, seguido por 35%, que têm idade entre 26 a 30 anos. Apenas 1 dos entrevistados têm idade entre 31 a 35 anos, como também 1, com idade entre 36 a 40 anos e por fim 1, com idade entre 41 a 45 anos.

A maioria (75%), tem como estado civil solteiro, 15% se declarou casado, ainda 5% divorciado e por fim, 5% em união estável. A grande parte dos professores não tem nenhum filho, 2 professores têm 2 filhos e o outro restante (2), tem 1 filho.

Como o público alvo desta pesquisa são professoras e professores que atuam nos anos iniciais, 95% dos docentes possui formação em pedagogia, e apenas 1 participante, correspondente a 5%, possui graduação em Matemática.

Devido a maioria dos respondentes ter idade entre 20 a 25 anos, a conclusão do ensino médio de 57,9% do público pesquisado se deu entre 2014 e 2018. Outra

parte do público (15,8%), concluiu o ensino médio em 2013, 10,5% concluiu em 2012 e por fim, 15,8% concluiu entre 1997 a 2009.

Em relação ao nível de ensino em que cada profissional atua, 50% dos respondentes relataram atuar na educação infantil, e os outros 50% no ensino fundamental.

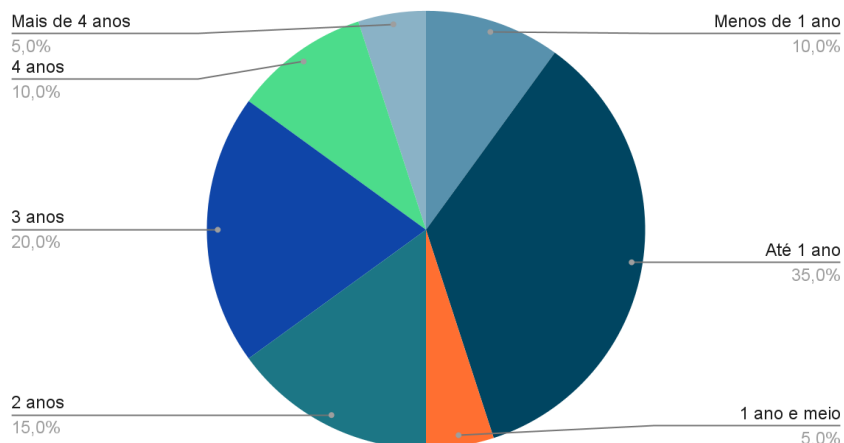
De todo o público, apenas 25%, que corresponde a 5 entrevistados, cursou o ensino médio em instituições privadas de ensino. A maioria, 75%, realizou o ensino médio em escolas públicas. Essa informação é diretamente contrária quanto à realização do ensino superior, pois nesta questão, 65% informou que cursou a graduação em faculdades particulares. Questão essa, que gera indagações sobre a acessibilidade de instituições públicas de ensino superior para estudantes do ensino médio.

Em relação ao nível educacional de pós-graduação, 55% dos respondentes não possui nenhuma, 25% se encontram cursando e 10% já concluiu, sendo 1 deles em psicopedagogia. Apenas uma pessoa possui mestrado e nenhuma possui doutorado. Em relação ao ingresso na profissão, 85% dos profissionais iniciou a partir dos 20 anos na área da educação.

Em relação aos anos de profissão docente, 50% dos profissionais têm apenas entre 0 e 2 anos de regência. Encontram-se entre 3 e 5 anos de regência 40% dos profissionais que realizaram a pesquisa. Por fim, 10% estão na regência a mais tempo.

Sobre a quantos anos de docência em escolas privadas cada profissional possui, 10% têm menos de 1 ano e ainda estão em seu primeiro ano de trabalho. A maior parte, 35%, declarou ter até 1 ano de docência. 5% tem um pouco mais, 1 ano e meio de trabalho. Ainda, 15% dos professores disseram ter até 2 anos de trabalho. Em seguida, 20% têm até 3 anos de trabalho. Por fim, 10% têm até 4 anos de trabalho em escolas particulares e 5%, mais de 4 anos.

Docência em escolas particulares



É notória a disparidade entre as condições de trabalho e carreira de professores da rede pública e da rede privada de ensino que tem o mesmo campo de atuação, a Educação Básica e com jornadas de trabalho de 40h/44h semanais. Uma das diferenças encontra-se no que se refere à remuneração.

De acordo com a Lei nº 11.738 de 2008 que regulamenta o piso nacional para professores da rede básica de ensino, o salário deve ser atualizado anualmente a partir do mês de janeiro. Atualmente, o piso salarial dos professores da rede pública de ensino é de R \$4.420,55. Infelizmente, esse piso aplica-se apenas a professores da rede pública e não para professores da iniciativa privada. De acordo com a convenção coletiva de trabalho 2021/2023 do SINEPE-DF (Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal) e do SINPROEP-DF (Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal), a hora aula mínima a ser recebida por professores da Educação Infantil ao 5º Ano do Ensino Fundamental a partir de novembro de 2021 é de R\$ 14,62.

A seguir, dados acerca da faixa salarial dos profissionais respondentes desta pesquisa. A grande parte, 65%, afirmou receber até 2 salários mínimos, até o momento da pesquisa R \$2.424,00. Em seguida, 25% afirmou receber de 3 a 4 salários mínimos, entre R\$3.536,00 a R \$4.848,00. Por fim, 5%, declarou receber de 4 a 10 salários mínimos - R\$4.848,00 a R \$12.120,00 e 5% recebe até 1 salário mínimo - Até R \$1.212,00.

De acordo com a renda familiar mensal, 45% dos profissionais somam rendas de 3 a 4 salários mínimos - de R\$3.536,00 a R \$4.848,00. Outros 35% compõem a

renda entre 4 a 10 salários mínimos - R \$4.848,00 a R \$12.120,00 e por fim, 20% tem até 2 salários mínimos - até R\$2.424,00.

Outras segmentações aparecem na profissão docente, que não se constitui historicamente de forma homogênea. Conforme Oliveira 2021, a profissão docente no Brasil

caracterizou-se originalmente por distinções significativas, derivadas de maneira especial de três fontes: o modelo federativo da organização estatal brasileira, o desenvolvimento desigual das áreas urbanas e rurais, e a estrutura e organização da educação básica no país (Oliveira, 2021, p.3)

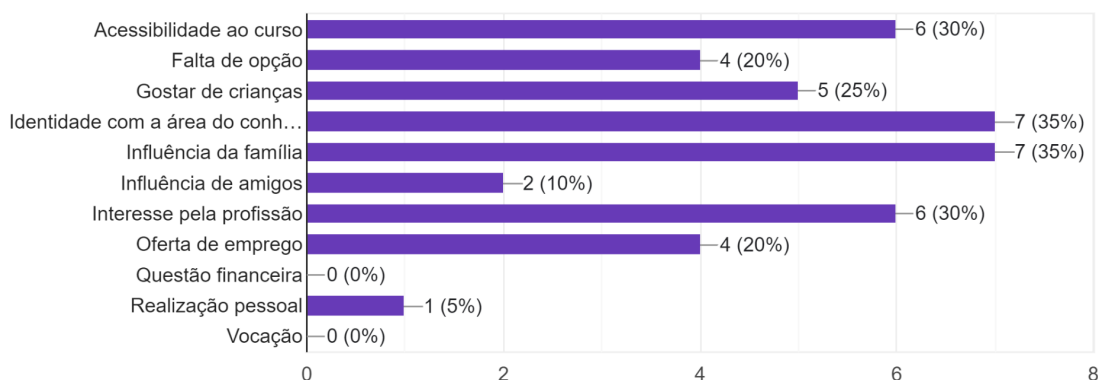
Essas diferenças já nas origens explicam as segmentações da profissão docente e que estão presentes nos dias de hoje. A mesma autora afirma que essa segmentação da profissão docente pode estar relacionada também com as condições de trabalho dentro da categoria, nas diferentes formas de contratação (efetiva, temporária; nas condições de emprego (se no setor público, se no privado) e ainda nas diferenças em sua formação, se em universidades públicas, ou no ensino à distância em instituições privadas. Ainda há diferenças no trabalho docente entre professoras mulheres e professores homens; professores que atuam na zona urbana ou zona rural; professores da Educação Básica, que atuam em creches/educação infantil e os que atuam no ensino fundamental e Ensino Médio. Além das inúmeras diferenças regionais como composição da jornada e planos de carreira.

Escolha profissional dos participantes

Buscamos entender qual ou quais motivos incentivaram este grupo de professores pesquisados a escolher o curso de formação. Podemos observar no gráfico a seguir, as motivações dos profissionais.

Por que escolheu a profissão docente? Marque até duas (2) alternativas.

20 respostas



Os fatores mais determinantes, segundo os participantes, foram “identidade com a área do conhecimento” e “influência da família”. Seguido de “acessibilidade ao curso” e “interesse pela profissão”. Realizando uma rápida pesquisa em sites de busca, é possível encontrar cursos de graduação na área de pedagogia a partir de R\$59,00 mensais em uma faculdade à distância, o que o torna um curso acessível.

Em seguida, os profissionais relataram que “gostar de crianças” é um dos fatores determinantes. Os profissionais que atuam na área da pedagogia, podem dar aulas desde o berçário, para bebês a partir de 4 meses, até o 5º ano do ensino fundamental I, onde os alunos têm entre 10 e 11 anos. E ainda, na área do EJA, para jovens e adultos.

Posteriormente, elencaram “falta de opção” e “oferta de emprego” como razões para a escolha do curso. Ainda, 10% relatou ter feito a escolha por “influência de amigos” e apenas 1 profissional elencou “realização profissional” como determinante.

Devemos destacar que nenhum participante elencou “questão financeira” como um dos motivos para a escolha profissional, o que deve-se ao baixíssimo salário de R\$14,62 por hora/aula descrito anteriormente. Por fim, também não houve nenhum profissional que escolheu a profissão por “vocação”, fato que também torna-se questionável e talvez revele o motivo de tantos profissionais frustrados com a profissão docente.

Dentre os profissionais que responderam a esta pesquisa, 90% não possui graduação em outra área e 1 respondente possui graduação na área de administração.

Quando perguntados se desejam fazer outro curso de formação, a maioria dos profissionais respondeu que sim, gostariam de realizar outra graduação. Dentre os motivos, há uma causa em comum entre os docentes: o pouco reconhecimento profissional, alta demanda de trabalho e a remuneração. Outros motivos elencados são por realização profissional e interesse em outras áreas de conhecimentos.

Em relação a Secretaria de Educação, 95% dos profissionais relataram que pretendem prestar concurso público e a razão infelizmente é unânime: melhoria de salário e estabilidade financeira. Apenas 1 docente respondeu não desejar prestar concurso para a educação pública. Esta informação nos faz refletir acerca das condições de trabalho que estes docentes têm atualmente em iniciativas privadas. Pois no magistério público parece ser mais atrativo devido a estabilidade funcional, plano de carreira (cargos e salários) e outras garantias como o acesso a uma jornada com período de regência e outro destinado a atividades extracurriculares (planejamento, formação e avaliação) e possibilidade de afastamento remunerado para a pós-graduação), o que se apresentam como melhores condições ao trabalho docente.

Ingresso na carreira

Neste bloco de perguntas, buscamos compreender como este profissional foi recebido na escola em que trabalha e como cada função tem impacto neste início da docência.

De acordo com os profissionais que responderam a esta pesquisa, podemos afirmar que o primeiro momento de chegada à escola é recepcionado por diretores, orientadores e coordenadores. Em seguida, outras funções que recepcionaram estes docentes foram secretários escolares, supervisores, rh e estagiárias.

Em relação ao nível de receptividade ao se apresentar na escola, em uma escala entre “péssima”, “ruim”, “regular”, “boa”, “ótima” e “não se aplica”.

O nível indicado pelos participantes para a recepção feita pelos professores, coordenação, orientação educacional, funcionários administrativos ficou entre “boa” e “ótima”. Já o nível de recepção pela direção e vice-direção ficou entre “boa” e “regular”. O nível de recepção pela orientação educacional ficou entre “boa” e “ótima”. O nível de recepção em relação ao secretário escolar foi entre “boa”, seguido de “regular” e “ótima”, assim como o nível elencado para o supervisor. Já a

recepção do vice-diretor se deu entre “boa” e “regular”. Os alunos foram elencados os melhores receptores, sendo elencados pela maioria como “ótimo”. Os níveis entre os funcionários administrativos foram de “boa” e “ótima”, e por fim, a recepção pelos professores ficou entre “boa” e “ótima”. Observando o gráfico, podemos identificar que para estes professores pesquisados, o acolhimento se deu de forma mais positiva pelos orientadores e alunos da escola.

No primeiro dia de trabalho, 75% dos profissionais não assumiram a sala de aula. Os outros 25% declararam que sim, assumiram a sala de aula. Dentre os professores que não assumiram a sala de aula, as atividades antes deste exercício de fato foram semana pedagógica, observação de aulas e ainda, estágios como auxiliar de turma ou de coordenação. Ao que responderam assumir a sala de aula em seu primeiro dia, uma parte declarou ter recebido todas as instruções necessárias. Já a outra parte dos professores, recebeu poucas informações sobre a escola e rotinas. É importante notar que as atividades de organização do trabalho pedagógico, de planejamento são inerentes ao trabalho de regência. A preparação para a aula, a escolha prévia dos conteúdos, da metodologia - que muitas vezes é diferenciada dada a natureza da instituição privada - é imprescindível, assim como o acesso às informações sobre as particularidades dos estudantes, e da rotina da escola em geral, mesmo para os professores já experientes.

Sobre essas informações fornecidas na chegada ao ambiente escolar, 75% dos professores disse ter recebido informações sobre a estrutura física da escola, como ambientes, materiais pedagógicos e didáticos de apoio. Essas informações básicas que poderiam facilitar a vida do docente no início da carreira não foram repassadas para 25% dos respondentes desta pesquisa. Sobre a estrutura pedagógica da escola, tais como PPP (Projeto, Político Pedagógico), formas de avaliação, encontros pedagógicos, planejamentos e documentos, foram repassados apenas para 45% dos professores. Este número é extremamente baixo, considerando que essas informações são fundamentais para o desenvolvimento de aulas. Sobre serviços de apoio ao professor e aluno, 50% dos professores afirmou ter recebido estas informações. Em relação às regras funcionais da escola, como horários, procedimentos administrativos e regimento, 75% dos professores afirmam ter recebido informações. Sobre rotinas, calendário escolar, diários de classe, 70% dos respondentes afirmam ter recebido informações. Sobre o perfil da turma que iria assumir, apenas 35% afirmou ter recebido estas informações. E por fim, um

profissional declarou não ter recebido nenhuma informação ou explicação sobre os dados citados anteriormente.

Buscando entender quais são as funções escolares que o auxiliam no início de carreira no desenvolvimento do trabalho pedagógico, os professores enumeraram de 1 (para menor valor) a 5 (para maior valor), as funções mais significativas. As funções indispensáveis para este grupo de respondentes foram: coordenador, orientador e professor. Em seguida, vice-diretor, supervisor e por diretor. Esta escala de importância talvez possa ser explicada pelo fato de funções como coordenador, orientador e professor serem funções que estão mais presentes no dia a dia do funcionamento escolar.

Dificuldades e descobertas

Investigando quais são as dificuldades desses professores no início da docência, para cada item, os professores elencaram seus níveis de dificuldades entre “nenhuma”, “pouca”, “média”, “muita” e “excessiva”.

As dificuldades que foram indicadas com maior intensidade pelos sujeitos da pesquisa foram os itens: “lidar com a indisciplina dos alunos”; “realizar atividades extraclasse com os alunos de atividade pedagógica e “lidar com o estresse na carreira”. Essas dificuldades podem estar seguramente relacionadas pois estão associadas com o cotidiano da escola. Muitas vezes há uma tensão para manter a disciplina em sala, pela insegurança talvez em como chamar a atenção da criança sem alterar o tom de voz ou demonstrar nervosismo. As atividades extraclasse exigem a criatividade e diversidade das práticas diárias. Ambas dificuldades podem levar ao estresse, considerado como cansaço físico e mental. Outra dificuldade apontada como excessiva foi o trabalho com as crianças especiais. Por outro lado, os professores indicaram ter pouca ou nenhuma dificuldade em: estabelecer comunicação com os alunos; motivar os alunos; dominar termos e linguagens usadas na escola; planejar, organizar e gerir as aulas; obter recursos e materiais pedagógicos; trabalhar com a estrutura física disponível. O fácil acesso e disponibilidade com opções de materiais pode facilitar o trabalho do docente que pode pensar mais possibilidades de ensino para seus alunos de forma criativa e intencional. A estrutura física adequada também é elemento que assegura ao trabalhador um ambiente de bem estar para todos. As questões relacionadas com o

trabalho em si com as crianças, como o diálogo e a motivação foram descritas como bem administradas pelos professores que conduzem as aulas conforme a metodologia adotada pela instituição.

Quando perguntados sobre como foram enfrentadas estas dificuldades, as respostas tiveram variações entre estudos teóricos, auxílio emocional ou apenas aprendizagens com os erros.

QUADRO 1 - DIFICULDADES ENFRENTADAS

Profissionais que buscaram ajuda teórica, entre seus pares e auxílio de funções competentes no espaço escolar.	Profissionais que buscaram ajuda socioemocional
<p>“Enfrentei com a ajuda dos coordenadores, supervisora e outros professores.”</p> <p>“Buscando diálogo com professores e direção.”</p> <p>“Com o auxílio de colegas da mesma área. E vontade de aprender.”</p> <p>“Procurei ajuda com professoras com mais experiências e anos de docência.”</p> <p>“Buscam ajuda da coordenadora e da orientadora.”</p> <p>“Procurando auxílio.”</p> <p>“Pedindo ajuda.”</p> <p>“Estudando.”</p> <p>“Reuniões com a orientadora e tirando dúvidas com professoras antigas.”</p> <p>“Buscando sempre tirar dúvidas nas coordenações, pesquisando.”</p> <p>“Com ajuda de outros professores.”</p> <p>“Sempre procuro ajuda, seja da gestão ou seja intelectual. É importante que saibamos que devemos estar em constante formação. A formação inicial não nos prepara fielmente para todos os desafios.”</p>	<p>“Respirando muito, repetindo para mim mesma que eu dava conta e que ia dar certo. Que eu precisava de paciência.”</p> <p>“No dia a dia e errando muito”</p> <p>“Com o amor que eu tenho pela profissão.”</p>

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

A maioria dos docentes que responderam a esta pesquisa, buscaram auxílio de outros profissionais para superar as dificuldades deste início da docência.

Entretanto, uma parte dos docentes, a minoria, relatou ter superado as dificuldades apenas “respirando”, ou ainda “tendo paciência”, o que nos mostra que é necessário ter um equilíbrio entre o teórico e o socioemocional para ter sucesso no início da docência e ao mesmo tempo aponta para um certa “solidão” desses docentes para resolverem os problemas pouco sentido de coletividade. Sodré (2018) em seus estudos sobre a solidão docente em contradição com o trabalho coletivo, analisa como professores em início de docência lidam com as dificuldades do cotidiano e constata que

Os enfrentamentos às dificuldades no cotidiano utilizam de estratégias de tentativa e erro, tentativa e acerto, recorrência dos problemas, ou seja, agindo frente à necessidade imediata. Pautado nisso, através da experiência cotidiana os professores encaram a dificuldade como uma forma de aprender, para lidar com as demandas do cotidiano. Apreendem a dinâmica de funcionamento da escola e conquistam seu espaço nela. E, aos poucos, e com segurança, a partir de buscas individuais para êxito nas experiências, constituem também a criatividade. (SODRÉ, 2018, p. 42)

Sobre as maiores descobertas e satisfações destes professores, foram abordados alguns tópicos e para cada item, os professores elencaram entre “nenhuma”, “pouca”, “média”, “muita” e “excessiva”.

Os itens apontados como maior fator de satisfação (muita e excessiva) foram: relação professor-aluno, carinho dos alunos, prazer de lidar com o conhecimento e ensinar; autonomia, planejamento das aulas, possibilidades da criatividade pedagógica, realização pessoal, relação saber/aprender, relação com os pares, outros funcionários; relação com a rotina da escola. O que vai ao encontro dos fatores que menos geram dificuldades como o relacionamento com os estudantes e a autonomia pedagógica. os que geram pouca satisfação (pouca ou nenhuma): plano de carreira e salário : já mostrados anteriormente e os que geram alguma satisfação (média): equipe de trabalho; reconhecimento social, trabalho coletivo, participação dos eventos da comunidade e escolares, relação com a escola, relação com a gestão, flexibilidade de carga horária, oferta do mercado de trabalho e participação política e teor político da profissão.

Os professores deram sugestões para a recepção dos novos docentes no espaço escolar. Muitos elencaram a “acolhida” sendo fundamental para esse processo de adaptação e a promoção de “*capacitações e interações entre os*

professores”, e ainda críticas sobre o atual modelo de recepção em algumas escolas: *“Mais apoio dos professores mais velhos e gestores e coordenadores. Percebo que somos jogadas dentro de uma sala e temos que fazer tudo dar certo.”* Além disso, a sugestão de *“uma semana pedagógica com reuniões realistas, com coisas que podem ser usadas na prática”*.

Já para os professores que estão iniciando sua docência, as sugestões são cobertas de críticas e incentivos:

“Que estude bastante e se empodere. Nem sempre é vantagem se submeter às dificuldades da carreira e continuar fazendo algo que não é saudável. É possível achar pequenos refrescos na profissão.”
“Tenha ao menos uma experiência em estágio não obrigatório para que possa ter uma pequena noção do trabalho docente.”
“Não desista.”
“Se especializar em áreas importantes para a prática docente, como por exemplo educação especial, etc.”
“Sempre perguntar e ir atrás de informações necessárias”
“Não ser funcionário das escolas privadas se possível, pois não somos valorizados em nenhum sentido.”
“Postura acima de tudo, pois sala de aula é um ambiente de diversas personalidades em um único lugar.”
“Mude de profissão, da tempo. Nessa você não será valorizada.”
“Faça estágios pra ganhar experiência”
“Paciência e humildade”
“Estude para concursos públicos”
“Diria para não se preocupar com o medo que esse início proporciona, para encarar com coragem as dificuldades e que com o tempo vai ficando mais fácil, mais natural.”
“Ter segurança da escolha que está fazendo, dificuldades todos tem, mas temos que estar dispostos a enfrentá-las.”
“Ser positivo, pesquisar, compartilhar ideias, aprendizados, atividades com colegas.”
“Que tenha certeza que realmente gosta da profissão. Para quem gosta é muito desafiador, se começar na área e não gostar, não colherá bons frutos”
“Que estude muito, a prática necessita de aprendizado que muitos professores não tem”
“Apoie se em estudos, para escolher boas escolas para se trabalhar”
“Se aprofundar na área que gosta”

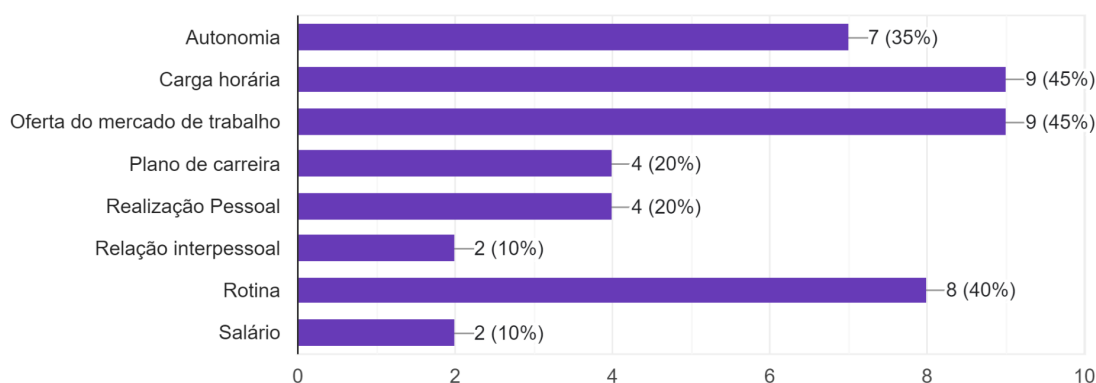
Vale ressaltar, que as sugestões citadas anteriormente são de profissionais em início da docência, ou seja, até os primeiros 5 anos. Podemos observar em sua maioria, relatos desapontados com a profissão e com a iniciativa privada, e até mesmo conselhos para “mudar de profissão” e “não ser funcionário das escolas privadas”, o que nos faz refletir sobre a necessidade de pesquisas e políticas sobre este sujeito, até então pouco explorado cientificamente.

Atuação profissional

Acerca das vantagens profissionais, cada respondente escolheu pelo menos duas categorias que se destacavam dentre as opções.

Qual(is) é(são) a(s) vantagem(ns) do seu trabalho?

20 respostas

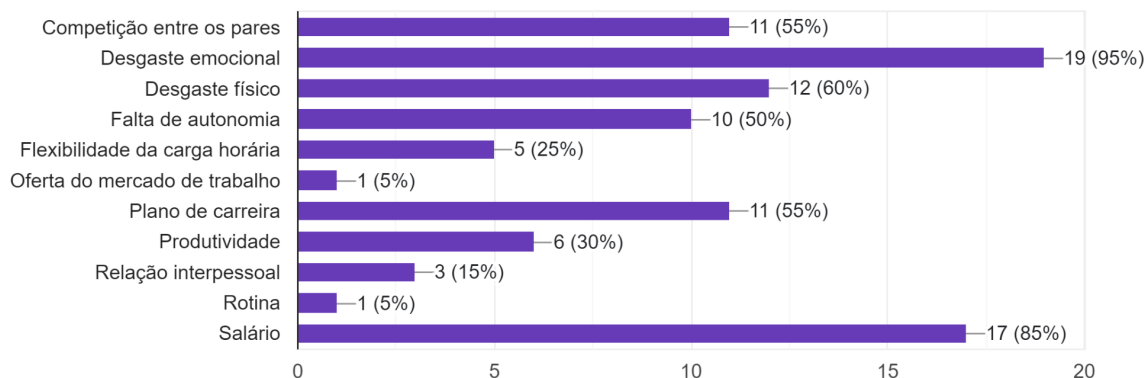


As categorias mais escolhidas foram “carga horária” e “oferta do mercado de trabalho”. O presente estudo, refere-se a professores de escolas particulares, e o quesito “oferta do mercado de trabalho”, deve ser pertinente devido a alta rotatividade de professores nessas instituições, causando sempre vagas disponíveis. E também pelo número de instituições privadas credenciadas - autorizadas a funcionar - pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. São 97 para atender à Educação Básica, apenas na Região Administrativa de Brasília. As matrículas em instituições particulares chegam a mais de 52 mil (53,9%) dos quase 98 mil crianças da Educação Infantil. Já a “carga horária”, deve-se ao tempo de trabalho diário relativo aos profissionais que responderam a esta pesquisa. Dos respondentes, 80% relataram ter carga horária de até 30 horas semanais, o que representa o trabalho em apenas um turno do dia, manhã ou tarde. Apenas 20% trabalha em dois turnos.

Sobre os aspectos negativos, os profissionais elencaram duas categorias que consideram mais significativas.

Qual(is) é(são) o(s) aspecto(s) negativo(s) do seu trabalho?

20 respostas



A maior parte dos profissionais relatou os aspectos negativos “desgaste emocional” e “salário”. Como analisado anteriormente, o salário base da categoria não chega sequer ao piso salarial do país. E, com base em relatos apresentados anteriormente, pudemos perceber o quanto o desgaste emocional é um fator significativo para quem atua na área da docência e parece que a condição de trabalho na iniciativa privada agrava essa condição, segundo nossos respondentes.

Sobre esse aspecto, a dissertação de Nüssle, 2021, discute sobre as condições de trabalho dos professores de escolas privadas frente a mercantilização do ensino, de interesse dos proprietários da instituição. A autora ainda afirma que:

as queixas das professoras [...] sobre a instabilidade, a baixa remuneração, o controle dos conteúdos, e a alta cobrança com um grande senso de urgência, são demandas que se justificam por essa inclusão das escolas privadas nesse segmento de prestadora de serviço. Dessa maneira, há toda uma pressão de mercado por trás das instituições, que acaba submetendo as professoras a atingir as metas, indicadores, seguir normas e padrões rígidos de ensino. Esses elementos de controle criados pelos burgueses, donos de escola, servem então para alcançar esse patamar de empresa produtiva.

Podemos atribuir o desgaste emocional e a falta de estabilidade e garantias de continuar com o vínculo empregatício a essa busca excessiva pelo alcance de resultados e a intensificação do trabalho docente que deve obter o desempenho desejado.

Vida social, formação cultural e lazer

Sobre a vida social, os profissionais que responderam a esta pesquisa elencaram de 1 a 5 cada item de atividade cultural mencionado, sendo 1 para nenhuma frequência e 5 maior frequência.

As atividades culturais mais frequentadas pela maioria dos pesquisados, ficaram as atividades “frequentar cafés”, “ir ao cinema”, “navegar na internet”, “ouvir música”, “realizar atividades esportivas” e “viajar”. Em seguida, “frequentar bares” com pontuação “4”, pela maioria dos respondentes. Com pontuação “3”, estão as atividades “assistir a filmes”, “assistir programas de televisão”, “frequentar livraria”, e “ler jornais e/ou revistas”. As atividades elencadas com pontuação “2” foram “escrever”, “ir a shows”, “ir a exposições” e “ler livros e outros não relacionados ao trabalho”. Por fim, ficaram elencadas com pontuação “1”, as atividades “frequentar biblioteca”, “ir a concertos”, “ir a espetáculos de dança”, “ir a museus”, “ir ao circo” e “ir ao teatro”. Estes dados se assimilam as pesquisas realizadas por Freitas, 2013 acerca da formação cultural dos professores/pedagogos do Distrito Federal, onde constata que

a maior parte das atividades culturais do qual os professores participam com maior frequência acontecem nas residências desses sujeitos. Esses vão pouquíssimas vezes no ano em espaços como museus, teatros e concertos eruditos, o que nos mostra que muitos dos ambientes também não familiares aos alunos não são frequentados pelos educadores, o que torna mais difícil a apropriação dos elementos culturais pelos educandos, visto que a escola, por meio do professor auxilia os sujeitos na mediação da cultura da sociedade. (FREITAS, 2013, p. 37)

Vida política

A maioria dos profissionais declarou não participar de projetos político-sociais. Apenas um decente afirmou participar do “Projeto Social Samaritanos”.

Sobre a tendência partidária desses professores, 70% declarou ter “partidos de esquerda” como preferência. Em seguida, 10% declararam ter “partidos de centro” como escolha. Logo depois, 5% declararam escolher “partidos ligados à ecologia”. Após, 5% respondeu ter preferência por “partidos de direita”, ainda 5% declarou ser “independente do partido” e por fim, 5% declarou “votar nulo”.

Do total de respondentes, apenas 3 professores declararam ser sindicalizados, considerando “lutar pela melhoria do trabalho”.

Sobre a importância da atuação do sindicato na categoria de professores, os docentes enumeram essa importância de 1 a 5, considerando 1 para menor valor e 5 para maior valor. De acordo com a maioria dos professores, as categorias de maior importância são: “apoio jurídico”, “formação política”, “apoio médico-psicológico”, “formação continuada/pedagógica”, “atividades culturais”, “luta por carreira, condições de trabalho e remuneração”, “espaço de lazer”, “políticas de descontos em serviço” e “mediação na relação entre os pares”, o que corresponde a todas as categorias citadas.

Mas ainda que *“poderia ser mais incisivo em relação a profissionalização”*. Porém, alguns docentes ainda responderam que não, ou que não sabem.

Assumir a profissão

Sobre o momento exato em que esses profissionais assumiram a sala de aula, foram deixados alguns relatos.

“Desafiador. Sem muitas explicações logo comecei a ter muitas responsabilidades e dores de cabeça que poderiam ser evitadas com a devida capacitação.”
“Muito medo e tensão. Medo dos problemas, das famílias, da direção, dos colegas de trabalho. Medo de não dar conta.”
“Senti medo, mas com o tempo foi melhorando”
“Sentimento de vitória”
“Me senti incrível, a autonomia foi ótima, bem diferente de outras experiências”
“Muito medo, pois há muita responsabilidade”
“Em 2020, após a pandemia, quando assumi uma turma de berçário.”
“Quando tiver que substituir a regente que estava de atestado”
“Foi um pouco pavoroso, pois sempre tive medo de começar a trabalhar. Não me sentia preparado e me pressionava muito para fazer tudo certo.”
“No dia a dia, tendo que lidar com as diferentes necessidades de aprendizagens.”
“Realizado, estudei e atingir minha meta.”
“Desesperador”

“Assustado. Medo de não conseguir.”
“Desesperador, logo imaginei que deveria me especializar em outra área.”
“Quando tive minha turma sozinha”
“Foi bom, no começo mas as dificuldades foram surgindo ao longo do tempo.”
“Realização pessoal”
“Um pouquinho insegura.”
“Me sentia preparada, mas ao mesmo tempo aprendendo a lidar com a realidade da prática.”
“Quando tive problemas com crianças e famílias e tive que resolver esses problemas.”

O sentimento em comum pela maioria dos docentes foi de medo e desespero, tal angústia talvez se justifique pela grande pressão psicológica exercida pela direção dessas escolas particulares e ainda, pela falta de preparação antes de assumir a turma, tudo isso em conjunto à todas as dificuldades e incertezas do início da docência. Houveram ainda, profissionais que sentiram realizados, preparados e com o sentimento de autonomia.

Na pesquisa de Souza, 2018, na qual analisa os professores iniciantes da educação infantil, aparece de igual forma esse movimento contraditório que a autora chama de “movimento de duplo caráter que envolve simultaneamente os sentimentos de realização/satisfação e os sentimentos de sofrimento/estranhamento no trabalho docente na educação infantil”. (SOUZA, 2018, p.310). Os sentidos e significados de ser professor se situam nesse movimento contraditório, visualizados também em nossa pesquisa.

Para estes docentes, ser professor é

“Ser um pouco de cada profissão. Enfermeira, psicóloga, e até mesmo mãe.”
“Encontrar nos alunos doses diárias de ânimo e forças”
“Um dom”
“Recompensante”
“Árduo e gratificante”
“Um trabalho cansativo porém gratificante”
“É aprender todos os dias.”
“Turbulento e indescritível, cada dia um dia.”
“Desafiar-se todo dia, pensar e agir além da prática docente, aprender a lidar com medo, frustração

e emoções que surgem com a relação interpessoal, sentir-se útil e importante.”
“Ser ser pessimista e acreditar no futuro”
“Amor...”
“Amor pela profissão”
“Bem divertido”
“Um desafio diário!”
“Amar o ensinar, passar conhecimento e aprender todos os dias com seus alunos.”
“Trabalhar muito e perceber resultados nas crianças. Porém, vivenciar muitos momentos ruins que me fazem mal.”
“Educação é a base de tudo, é um direito social garantido por lei. Ser professor é uma das profissões mais importantes dentro de uma sociedade, porém muitas vezes desvalorizada e sucateada em muitos aspectos.”
“Ser resiliente.”
“Duro, porém, incrível ver e fazer parte do desenvolvimento das pessoas.”
“Exercer o direito à educação e buscar um equilíbrio emocional e mental.”

Parte dos professores atribuíram significados afetivos para a profissão, relatando recompensas de cunho emocional para as dificuldades encontradas pelo decorrer da trajetória. Alguns docentes ainda, mencionaram sobre a profissão exercer um papel que é um direito social garantido por lei, porém, desvalorizada, o que há em comum na maioria dos relatos.

Considerações finais

A presente pesquisa buscou apresentar e discorrer sobre desafios e descobertas vivenciadas por professores no início da docência que atuam em redes privadas de ensino do Distrito Federal, sujeito esse quem pouco tem sido estudado cientificamente.

Verificamos inicialmente que a maioria dos professores deste grupo pesquisado escolheu a profissão por identificação com a área do conhecimento e por influência da família. Mas um dado que chama a atenção é que nenhum professor sinalizou ter escolhido a área por questões financeiras. O que provavelmente se dá pelo fato de que a remuneração dos professores das escolas particulares do Distrito Federal é inferior ao piso da remuneração nacional de

professores, pois este teto aplica-se somente a professores da rede pública de ensino.

Outra informação significativa, é que a maioria dos professores desejam prestar concurso público para a Secretaria de Educação motivados pela alta demanda de trabalho nas escolas particulares, pelo pouco reconhecimento profissional e pela baixa remuneração.

Ao investigar quais são as maiores dificuldades enfrentadas por esses professores, avaliar o processo de aprendizagem; estabelecer comunicação com os pais dos alunos; identificar as necessidades educacionais dos alunos; e lidar com as diferenças individuais dos alunos; são os obstáculos com maior dificuldade em comum entre estes docentes. Para enfrentar estas dificuldades, uma parte do grupo afirmou recorrer a estudos teóricos e auxílio de outros profissionais da área. O restante do grupo relatou superar as dificuldades encontrando auxílio afetivo com a profissão.

Dentre as maiores descobertas apontadas por estes professores estão a relação professor-aluno; autonomia; carinho dos alunos; o prazer em ensinar e em lidar com o conhecimento; possibilidade da criatividade pedagógica; e realização pessoal.

Estes profissionais elencaram quais são os aspectos que consideram negativos na profissão, e o fator preponderante é o desgaste emocional. As condições contribuintes para o estresse profissional podem ter diversas razões, dentre elas condições precárias de trabalho. Logo em seguida, o aspecto descrito como negativo é a remuneração destes profissionais, que pode implicar diretamente nessas condições de desgaste emocional.

Sobre as vantagens que estes professores consideram significativos, carga horária e oferta do mercado de trabalho são os aspectos mais pertinentes. Fatores esses que se devem a alta rotatividade de professores em escolas particulares e o alto nível de vagas disponíveis para matrículas. Além disso, a carga horária apontada por este grupo pesquisado, em sua maioria é de apenas um turno do dia.

No que se refere a vida social, formação cultural e lazer, um fator que chama a atenção é que a maioria dos professores relatou que as atividades culturais mais pertinentes na rotina são assistir filmes, navegar na internet e ouvir música. Atividades como escrever, frequentar livrarias e ler livros/jornais são feitas com baixíssima frequência.

A tendência partidária da maioria dos professores é por partidos de esquerda, e uma pequena minoria relatou ser sindicalizada ao Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Particulares de Ensino no Distrito Federal- SINPROEP.

Diante de todas as informações apresentadas nesta pesquisa, podemos perceber o quão pertinente é a pesquisa sobre o sujeito professor iniciante que atua na iniciativa privada, uma fase tão delicada, repleta de dificuldades e angústias. Aspectos esses que parecem ser agravados quando se trata da iniciativa privada e que acaba causando tanto adoecimento e a sensação de desespero como relato pelos professores pesquisados.

A reflexão levantada nos mostra o quão este assunto ainda pode ser explorado, considerando que há pouquíssimas pesquisas sobre este sujeito e tantas demandas que podem ser descobertas e estudadas, para aos poucos conseguir transformar tais condições de trabalho mais humanizadas e não deixar esgotar-se nesses profissionais a satisfação e entusiasmo do ensinar.

Referências

AGOSTINHO, Giovana Oliveira. Contribuições e dificuldades do estágio não obrigatório para a formação do pedagogo na Universidade de Brasília. 2021. 65 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos.

FRADE, Érica Paula. A Construção da prática pedagógica: um estudo com professores iniciantes de história na EJA. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, Agosto de 2012

FREITAS, Rayane Rego de. Formação cultural dos professores/pedagogos do Distrito Federal. 2013. 59 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GABARDO, Cláudia Valéria; HOBOLD, Márcia de Souza. Início da docência: investigando professores do ensino fundamental. Form. Doc., Belo Horizonte, 2011. Disponível em <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>> Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

GARIGLIO, José Ângelo. et al. A iniciação à docência na educação básica: dilemas, desafios e aprendizagens profissionais. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008

HIRATA, Guilherme; OLIVEIRA, João Batista Araujo e; MEREB, Talita de Moraes. Professores: quem são, onde trabalham, quanto ganham. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Scielo, 2019, v. 27, n. 102. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002701888>> Acesso em: 7 de janeiro de 2023.

MARCELO, C G. Formação de Professores: para uma mudança educativa. Coleção Ciências da Educação. Porto – Portugal: Porto Editora LDA, 1999.

MARCELO GARCIA, C. Pesquisa sobre formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar. Revista Brasileira de Educação, 1998, Nº 9, pp. 51-75. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo escolar 2021 - Divulgação dos resultados. Brasília, 31 de janeiro de 2022.

NÜSSLE, Flora Santos. A vivência do trabalho em professoras de escolas privadas durante a pandemia do COVID-19. 2021. 209f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Segmentações históricas e contemporâneas da profissão docente no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. Rev. Bras. Educ., 2021.

OLIVEIRA, D.A.; ASSUNÇÃO, A.A. Condições de trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

SALOMÃO, Kassandra Soares da Costa Melo. As produções sobre o professor ingressante nas revistas qualis B1 a B5 de 2000- 2014: as dificuldades da prática docente. 2014. 68 f., il. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 1. ed. São Paulo. Editora Cortez. 2013

SINEPE-DF/SINPROEP-DF. Convenção coletiva de trabalho 2021/2023. Disponível em: <<https://sinepe-df.org/site/portal/public/biblioteca-de-arquivos/publicacao/e7bb97e67b172e8041d1388d53a697c4.pdf>> Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

SODRÉ, Denize Oliveira Rodrigues. *Solidão docente em contradição com o trabalho coletivo: um estudo a partir dos professores iniciantes/ingressantes da SEEDF*. 2018. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

SOUZA, Rosiris Pereira de. *Professores iniciantes/ingressantes na educação infantil: significados e sentidos do trabalho docente*. 2018. 470 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VAILLANT, Denise; MARCELO GARCÍA, C. *Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem*. Universidade Tecnológica Federal de Paraná, 2012.